

Diálogos de

Mídia & Educação



Monitor de Mídia

Setembro/2007

POR QUE EDUCAR PARA A MÍDIA?

Pode parecer estranho falar em educação para a mídia. Essa nova disciplina não trata de treinamentos para quem dá entrevistas, tampouco é simplesmente direcionada a quem vai reproduzir as técnicas de um grande veículo de informação em seu ambiente profissional, escolar ou associativo.

Educar para a mídia é uma necessidade dos tempos atuais. A cada dia, somos bombardeados por centenas, milhares de informações que nos são transmitidas mesmo que não as procuremos ou que não prestemos atenção a sua maioria. Qual delas é a mais importante? De toda essa carga informativa, o que devemos guardar no final das contas?

Se considerarmos a origem e os interesses que pautam a produção de cada informação, essa necessidade aumenta. Quem tem interesse na produção e difusão de cada uma dessas mensagens? A resposta dessa pergunta pode redefinir uma série de posicionamentos que somos obrigados a adotar no dia-a-dia. É para que essas escolhas sejam conscientes e autônomas que se faz necessária a educação para a mídia.

Uma história de crescimento

Você pode viver hoje sem telefone, celular, acesso ao computador ou qualquer outra facilidade que vêm das tecnologias da informação e da comunicação? Com algum esforço, é possível, claro. Mas esses equipamentos nos trazem

conforto e rapidez numa época em que ser rápido pode significar a sobrevivência. Mas em outro tempo, em outro contexto, essas tecnologias não existiam.

A primeira grande expansão do alcance da palavra se deu no século XV com a invenção da prensa de tipos móveis, na Alemanha, por Gutemberg. Ao inventar a primeira impressora e publicar alguns exemplares da Bíblia, ele deu início a uma série de aumento da difusão de informações.

Nos séculos seguintes, cresceu a ciência que passou a compartilhar informações entre seus pensadores. Desta forma, compartilhando dados, o desenvolvimento de novas teorias se deu mais rapidamente. Cresceram também as artes e, neste caso, pode-se destacar a Literatura, com a impressão dos primeiros livros e a formação das primeiras bibliotecas na Europa.

Mas, se a carga informativa crescia, o acesso a esse conteúdo ainda era restrito. Somente os muito ricos tinham condições de estudar. O controle da informação era severo, sendo que apenas homens ricos ou religiosos de alto escalão podiam desempenhar as atividades mais elementares do estudo, por exemplo, ler.

Se naquele tempo o acesso à informação era uma dificuldade, hoje temos problemas em evitar tamanho volume de mensagens que chegam a nós, mesmo que não as tenhamos solicitado. É esta a principal justificativa da educação para a mídia: auxiliar o cidadão comum a entender o contexto dos processos de produção do conteúdo midiático e permitir que conquiste um posicionamento autônomo em relação à informação a que tem acesso pela mídia.

Uma breve discussão teórica

Ainda não há consenso no Brasil quanto à escolha do termo que defina a necessidade cada vez mais premente de uma análise crítica dos conteúdos presentes nos meios de comunicação e da urgência dessa recepção crítica adentrar ao universo da escola. Não se pode negar a efetiva influência ou, ao menos, a presença massiva dos meios de comunicação entre as novas gerações que passam a ter seu processo de socialização cada vez mais mediado pelas mensagens midiáticas. O conhecimento, a visão ou leitura de mundo, a formação dos grupos sociais, dos interesses e discussões é cada vez mais pautada por essas mensagens.

No Brasil, várias nomenclaturas têm sido utilizadas para definir conceitualmente a discussão sobre a importância de uma educação para os meios. Duas linhas, ou preferências têm se destacado: educomunicação e mídia-educação. Os termos educomunicação e mídia-educação não são opostos, ao contrário, referem-se à mesma discussão. Neste material, optamos por utilizar a expressão “educação para a mídia”, tomando os dois conceitos como sinônimos, sem necessariamente nos posicionarmos favoravelmente a um ou outro conceito, para que o próprio leitor tenha a liberdade de definir o posicionamento teórico com o qual tenha mais afinidade.

Independente do termo escolhido, a reflexão sobre a necessidade da leitura crítica dos meios é urgente e necessária, bem como sua efetiva concretização, sobretudo no ambiente escolar, já que em seu sentido amplo, educar significa preparar

o indivíduo para o exercício da cidadania. Mastermann aponta pelo menos sete razões para “ensinar a ler as mídias”:

- O consumo elevado das mídias e a saturação à qual chegamos;
- A importância ideológica das mídias, notadamente através da publicidade;
- A aparição de uma gestão da informação nas empresas (agências de governo, partidos políticos, ministérios etc.);
- A penetração crescente das mídias nos processos democráticos (as eleições são antes de tudo eventos midiáticos);
- A importância crescente da comunicação visual e da informação em todos os campos (fora da escola, que privilegia o escrito, os sistemas de comunicação são essencialmente icônicos);
- A expectativa dos jovens a serem formados para compreender sua época (que sentido há em martelar uma cultura que evita cuidadosamente as interrogações e as ferramentas de seu tempo?);
- O crescimento nacional e internacional das privatizações de todas as tecnologias da informação (quando a informação se torna uma mercadoria, seu papel e suas características mudam).

Como afirma Paulo Freire, a leitura do mundo é sempre precedida pela leitura da palavra e vice-versa. Neste sentido, fazer a leitura crítica do conteúdo midiático torna-se cada vez mais um importante instrumento na garantia do exercício da cidadania e efetividade dos direitos humanos.

Por que produzir um material voltado ao uso das mídias na escola?

A universidade não pode atuar apenas como produtora do conhecimento, mas deve contribuir para sua disseminação, para que aquilo que se produz alcance a comunidade. Na era da chamada sociedade da informação e do conhecimento, a exclusão não se dá não apenas pelo não acesso à informação, mas pela incapacidade em interpretar as informações recebidas, em realizar uma leitura crítica.

Essa ligação entre o que propõe a academia para a leitura da mídia, e o comportamento social a esse respeito já faz parte há seis anos das ações do grupo de pesquisa **Monitor de Mídia**. O projeto MONITOR DE MÍDIA é uma iniciativa inédita de leitura crítica dos meios de comunicação catarinenses, totalmente produzida, desde agosto de 2001, por professores e alunos. De lá pra cá, o site se consolidou, tornou-se uma referência para a área e ampliou seu raio de ação. Além do conteúdo que o internauta encontra no site, há um **blog** e uma comunidade no **orkut**.

O projeto é um dos principais articuladores da Rede Nacional de Observatórios de Imprensa (Renoj), lançada em novembro de 2005 durante o 3º Encontro da Sociedade Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor). A Renoj pretende multiplicar a tecnologia de diagnósticos críticos da mídia desenvolvida pelo projeto MONITOR DE MÍDIA nesses cinco anos de trabalho. Atualmente, a Renoj conta com 41 pesquisadores de 16 instituições de ensino superior de todo o Brasil.

Para se ter uma idéia do trabalho já realizado pelo MONITOR DE MÍDIA, seguem alguns números, que podem ser visualizados no site www.univali.br/monitor.

@ O projeto é resultado de um Grupo de Pesquisa cadastrado no CNPq desde 2002 e certificado pela Univali;

@ É o único grupo no Brasil com a linha de pesquisa Ética e Crítica de Mídia;

@ É um projeto que existe desde 2001, sem interrupções;

@ Já produziu 132 diagnósticos da imprensa catarinense;

As ações do Monitor já articulam a pesquisa e o ensino e atingem a comunidade a partir da difusão do conhecimento produzido por meio do site, blog, comunidade no orkut, mas uma grande parcela da comunidade da área de abrangência da universidade ainda fica excluída desse acesso e é essa inserção que propõem os Cadernos de diálogo entre mídia e educação.

Os meios de comunicação se convertem cada vez mais na principal instituição socializadora, dada sua capacidade de agendar as discussões sociais, pautar os debates. Basta pensar no aumento das discussões e publicações sobre inclusão social a partir da presença de uma criança com síndrome de down na novela Páginas da Vida da Rede Globo de Televisão. Não se pode ignorar o papel central que a mídia desempenha cada vez mais em nossas sociedades "em rede". Como "previra" McLuhan, os meios tornaram-se efetivamente extensões do homem e, justamente por isso, torna-se fundamental fazer a leitura crítica dos conteúdos que recebemos.

A escolha do ambiente escolar para a disseminação da metodologia de leitura crítica da mídia se dá pelo fato de que a escola é um espaço privilegiado para a discussão sobre os assuntos que povoam a vida de crianças e jovens, já que é o local onde permanecem a maior parte de seu dia e onde realizam boa parte de suas práticas de integração social e aprendizado do mundo. A outra instituição mais presente na vida de crianças e jovens é, justamente, a mídia. Muitas crianças e jovens passam mais tempo em companhia da mídia do que de seus pais.

Utilizar a mídia na escola não significa apenas comprar novos equipamentos. Embora seja real a necessidade de aparelhar as escolas com modernos equipamentos, é preciso oferecer outras ferramentas que vão além da substituição das “velhas tecnologias” por novos recursos, repetindo antigos modelos pedagógicos.

Mais do que o meio disponível, é necessário o desenvolvimento de habilidades que permitam uma leitura mais crítica dos conteúdos midiáticos. Partindo da tese freireana de que comunicação e educação são processos indissociáveis, faz-se necessário compreender a dinâmica da produção das mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa, dadas suas possibilidades de agirem como formadoras de opinião, daí seu caráter educativo. No seu sentido lato, educar significa preparar o indivíduo para o exercício pleno da cidadania.

Desenvolver habilidades para a leitura crítica dos meios é um passo importante para a conquista da autonomia, tão defendida por Paulo Freire, e que poderia ser resumida como a capacidade de posicionar-se livremente frente aos fatos,

realizando a efetiva “leitura do mundo”, que sempre é precedida pela leitura da palavra.

Diálogos de Mídia e Educação

Este é o primeiro de dez cadernos que travarão diálogos entre aspectos da mídia e as perspectivas da educação contemporânea. Se educar para a mídia é uma necessidade reconhecida pela sociedade, as especificidades de cada meio podem exigir do professor atento muito trabalho na hora de preparar as atividades de sala de aula.

Para auxiliar os educadores a preparar aulas que atendam as necessidades de educação para a mídia e oferecer aspectos inovadores em relação à abordagem dos meios, os **Diálogos de Mídia e Educação** atenderão, mês a mês, os seguintes temas:

- Mídia Impressa: jornal
- Mídia Impressa: revista
- Rádio
- TV
- Fotografia
- Cinema
- Internet
- Publicidade e propaganda

A última edição dos **Diálogos de Mídia e Educação** será um Caderno de Exercícios, com sugestões de atividades e de uso dos diferentes meios nos planos de aula de professores de ensino Fundamental e Médio.

Este material está disponível para reprodução em ambiente escolar, desde que citada a fonte, sem custo algum. Esperamos, na verdade, que esta iniciativa seja de grande utilidade ao desenvolvimento do ambiente educacional.

Para saber mais:

O que é Mídia-Educação: polêmicas do nosso tempo, de Maria Luiza Belloni, publicado em 2001 pela editora Autores Associados, de Campinas.

Mídia e mediação escolar: pedagogia dos meios, participação e visibilidade, de Maria Isabel Orofino. Publicado pela Cortez Editora e Instituto Paulo Freire, integra a coleção Guia da escola cidadã.

MONITOR DE MÍDIA. Disponível em: <http://www.univali.br/monitor>

Redação: Valquíria Michela John e Laura Seligman
Endereço para contato: Rua Uruguai, 453 Itajaí-SC – Bloco 12 – sala 306
Endereço eletrônico: monitordemidia@yahoo.com.br